

CELEBRANDO VIRGINIA WOOLF (2024): UM DIALOGO COM NOVOS CONTEXTOS

Flora Soutello Mendes SERGIO*

Publicado em 2024, *Celebrando Virginia Woolf* constitui vibrante testemunho da vitalidade do pensamento woolfiano em pleno século XXI. A coletânea surge então como resultado de um encontro acadêmico realizado remotamente em 2023, que reuniu pesquisadores de diversas regiões do Brasil com a proposta de discutir o imenso legado de Virginia Woolf sob uma perspectiva crítica, interseccional e contemporânea. Desse modo, a obra é composta por artigos que dialogam com a tradição modernista, os estudos de gênero e a teoria crítica, inserindo Woolf no centro de debates atuais sobre performatividade, memória, arte e dissidência.

Com o intuito de desestabilizar leituras cristalizadas de Woolf, especialmente aquelas que a aprisionam em uma moldura de melancolia ou a circunscrevem à alta cultura europeia, *Celebrando Virginia Woolf* é, para Victor Santiago e Bárbara Novais (2024, p. 14), sobretudo, um convite para festejar e “redescobrir a estética política e feminista de Woolf” (Santiago; Novais, 2024, p. 15), autora capaz de transitar entre o cânone e a cultura de massas, a literatura e a política, assim como o passado e o presente.

A coletânea distingue-se pela capacidade de entrelaçar o pensamento woolfiano com o de autores contemporâneos, a exemplo de Donna Haraway, Judith Butler e Sara Ahmed, criando vias de abertura para conversa e reorientações (*queer*) dentro de nosso presente, como acrescentam novamente Santiago e Novais (2024, p. 15). Ademais, tal associação é particularmente bem explorada no ensaio de abertura, ao propor a ideia de um “presente denso” (2024, p. 16): conceito harawayano que reconhece a complexidade e urgência de questões sociais contemporâneas como solo fértil e propósito para reler a obra de Woolf.

Em “Uma elegia à imageria” Ana Carolina de Azevedo Guedes busca explorar a tensão entre metáfora e ficção na obra de Woolf e ressalta como a autora é capaz de converter imagens em dispositivos de narratividade e política. Já em “Come and catch me if you can”, Ana Carolina Mesquita e Victor Santiago desafiam a ideia cristalizada de uma Woolf melancólica, apresentando-a como irônica, vibrante e

* Bolsista CAPES. Doutoranda em Literaturas de Língua Inglesa. UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Educação e Humanidades – Instituto de Letras – Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 20559-900 – florasantello@gmail.com

até mesmo erótica. Os autores demonstram que tal chave de leitura ganha força à luz da crítica *queer* e da arte contemporânea, desfazendo o mito da escritora trágica e inadaptada.

O texto de Davi Pinho, por sua vez, faz uma leitura crítica de *O Quarto de Jacob*, articulando o conceito de despossessão teorizado por Judith Butler (Butler, 2019, p. 89) para pensar a fragmentação subjetiva e o esvaziamento de sentido no romance. A despossessão aqui é conceito vital para os vazios e silêncios estruturais da narrativa woolfiana. O escrito costura um diálogo que reflete a respeito do futuro político no Brasil de 2022 (os fantasmas do autor) com as discussões de Giorgio Agamben e Judith Butler sobre o sujeito e a precariedade.

Mais adiante, Maria Aparecida de Oliveira e Lucas Leite Borba exploram a sexualidade feminina não normativa em Woolf. Desse modo, o escrito revela como as obras *A Room of One's Own* e *Orlando* tecem uma crítica à heteronormatividade, antecipando discussões *queer* atuais. Os autores dialogam com teóricas como Adrienne Rich, Audre Lorde e Simone de Beauvoir para explorar como a autora propõe modos plurais de subjetivação feminina.

A coletânea também se destaca por sua atenção à tradução e à intermidialidade, incluindo estudos sobre cartas, ensaios e traduções. A exemplo de Mariana Gonçalves Coelho e Maria Rita Drumond Viana, que analisam as notas de tradução nas edições luso-brasileiras de *Love Letters: Vita and Virginia* (2021), refletindo sobre as tensões culturais e linguísticas que permeiam a mediação da intimidade e da sexualidade de Woolf: “a demonstração do desejo transparece pelas metáforas e jogos linguísticos elaborados por mulheres cuja expressão artística se dava pela manipulação de palavras” (Coelho; Viana, 2024, p. 220). Já o impacto de sua obra no cinema e nas artes visuais é revisitado com atenção à sua “mobilidade cultural” – conceito desenvolvido por Brenda Silver (1999, p. 4) –, que inclui desde adaptações cinematográficas como *Vita & Virginia* (2019), de Chanya Button até o recente documentário *Orlando, minha biografia política* (2023), de Paul Preciado.

Há presente na coletânea, ainda, trabalhos que estabelecem diálogos comparativos com a obra de Virginia Woolf. Mariana Pivanti em “As questões de gênero e do eu nos escritos de vida de Virginia Woolf e Hélène Cixous” explora os vínculos entre Woolf e a escritora francesa Hélène Cixous, estabelecendo paralelos entre suas respectivas poéticas e formas de escrever (e inscrever) o eu, em um movimento de deslocamento de uma perspectiva individualizada para um lugar de abertura ao outro e à alteridade.

Já Nícea Nogueira traça um paralelo entre Woolf e Laurence Sterne, revelando um experimentalismo narrativo em comum fundado na fragmentação, na ironia e na consciência da própria construção literária. Ao traçar esse paralelo, a pesquisadora ilumina afinidades estéticas entre autoras de períodos distintos, ressaltando como ambas subvertem expectativas narrativas tradicionais e produzem um efeito

de estranhamento no leitor. Gabriel Leibold, ademais, propõe um diálogo entre Virginia Woolf e Toni Morrison, discutindo o pertencimento literário e as “casas simbólicas” como espaços de resistência, memória e deslocamento. Em sua análise, Morrison e Woolf aparecem como autoras que elaboram espaços de abrigo e confronto, tensionando as relações entre identidade, comunidade e exclusão, e mostrando como a literatura pode ser lugar de elaboração de traumas históricos e de reinvenção das formas de habitar o mundo.

Por fim, o texto de Patrícia Marouvo, compara as obras *Mrs. Dalloway* e *Spring*, da escritora contemporânea Ali Smith. A autora destaca como Smith atualiza e reescreve a estética woolfiana à luz de questões como migração, colapso climático e política identitária. O ponto de partida é a cena da pedinte em *Mrs. Dalloway* (1925), cujo canto estranho e atemporal interrompe a narrativa, e a cena em *Spring* (2019), na qual Richard ouve um canto longínquo durante uma viagem à Escócia. Em ambas, a voz surge como elemento disruptivo, deslocando a linearidade narrativa e questionando estruturas simbólicas.

Celebrando Virginia Woolf não apenas reafirma a centralidade da autora no campo da crítica literária e dos estudos de gênero, como também desafia o leitor a repensar a função política da literatura. Ao propor um diálogo transversal entre teoria, crítica e arte, o livro se firma na recepção brasileira de Woolf. Trata-se de um trabalho que cumpre com rigor acadêmico e ousadia crítica a missão de reatualizar o pensamento de Virginia Woolf à luz de um presente em ebulação: feminista, queer, político, sensível. A coletânea é, como afirmam os organizadores, uma “festa” e como tal, celebra, problematiza e reinventa uma das vozes mais potentes da literatura.

SERGIO, Flora S. M. Celebrating Virginia Woolf (2024): a dialogue with new contexts. *Itinerários*, Araraquara, n. 61, p. 379-381, jul./dez. 2025.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Vida precária:** os poderes do luto e da violência. Tradução: Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- COELHO, Mariana Gonçalves; VIANA, Maria Rita Drumond. In: SANTIAGO, Victor; NOVAIS, Bárbara; LEITE, Lucas; PIVANTI, Mariana. (orgs.). **Celebrando Virginia Woolf.** Rio de Janeiro: A_TEIA, 2024. p. 219-242.
- HARAWAY, Donna. **Staying with the trouble:** making in the Chthulucene. Durham: Duke University Press, 2016.